

SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE O GÊNERO CONTO DE FADAS BASEADA EM PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS E NO MULTILETRAMENTO

¹ MIRANDA, Andressa da Silva.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor uma sequência didática com o intuito de explorar a capacidade de multiletramento dos diversos gêneros discursivos, especificamente do conto de fada, utilizando-se de recursos tecnológicos. Por meio de uma sequência didática direcionada ao 2º ano do Ensino Fundamental, busca-se desenvolver a autonomia, capacidade de interpretação de texto, inferência, criticidade e a criatividade dos alunos por meio da produção de contos de fadas orais compartilhados por meio da plataforma digital *TikTok*. Este trabalho busca promover uma reflexão sobre a importância da prática educ comunicativa em sala de aula, fornecendo subsídios teóricos e práticos que auxiliem professores de educação básica a utilizarem ferramentas tecnológicas de forma lúdica em sala de aula. Busca-se por meio desse estudo, explorar o potencial dos gêneros discursivos e da Pedagogia dos Multiletramentos como instrumento de construção do conhecimento e autonomia discente.

Palavras-chave: Sequência Didática; Educomunicação; Multiletramento; Aprendizagem.

TEACHING SEQUENCE ABOUT THE GENDER FAIRY TALE BASED ON EDUCOMMUNICATIVE PRACTICES AND MULTILITERACY

ABSTRACT:

This work aims to propose a didactic sequence in order to explore the multiliteracy capacity of the diverse discourse genres, specifically the fairy tale, using technological resources. Through a didactic sequence directed to the 2nd year of elementary school, we seek to develop the autonomy, ability to understand texts, makes inference and criticality and creativity of students through the production of oral fairy tales shared on the digital platform Tiktok. This work seeks to promote a reflection about the importance of educ communicative practices in the classroom, providing theoretical and practical subsidies that help basic education teachers to use technological tools in a playful way in the classroom. This study seeks to explore the potential of discourse genres and the Pedagogy of Multiliterations as an instrument for building knowledge and study autonomy.

KEYWORDS: Teaching Sequence; Educommunication; Multiliteracy; Learning.



1. INTRODUÇÃO

É notório que o uso de recursos tecnológicos em sala de aula contribui para a disposição dos alunos em se tornarem protagonistas de suas histórias. Essa realidade é reflexo da sociedade que vivemos, cada vez mais atualizada, moderna e integrada por meio da tecnologia. Por esta razão, este trabalho surge como uma iniciativa de integrar sociedade, comunidade, aluno e escola. Essa integração é possível através das práticas educomunicativas. Tais práticas são reflexo da parceria entre Comunicação e Educação e essa integração de saberes tem se mostrado cada vez mais eficaz no que tange estimular o interesse, autonomia e aprendizado dos alunos.

Por meio da elaboração desse projeto, é possível conciliar práticas comunicativas com o ensino dentro de sala de aula. Por meio do gênero discursivo conto de fada e do uso de ferramentas digitais, os alunos podem construir o próprio saber por meio da leitura, produção digital e do compartilhamento de momentos de ludicidade e aprendizado. Além disso, o projeto possibilitou uma prática concreta, permitindo que os alunos conhecessem a dimensão do saber transmitido além da esfera teórica e escrita – explorando a dimensão oral e prática também.

Um projeto de Educomunicação precisa estar inserido no cotidiano de seus estudantes, caminhar no mesmo ritmo que o mundo a sua volta, escutar e entender o aluno e acompanhar as transformações do mundo virtual e as novas tecnologias. Esse é o anseio dos alunos, encontrar uma escola que vá de encontro a sua prática social. Trazer para a sala de aula contribuições para a melhora na qualidade do ensino reaproxima o jovem da escola e aproxima o jovem da comunidade.

Este trabalho busca promover e integrar som, imagem, texto e ludicidade para o contexto escolar, promovendo a construção do conhecimento e colaborando com o processo de ensino aprendizagem. Procura-se promover uma reflexão sobre a importância do educador manter-se atualizado no contexto social e tecnológico atual, fazendo bom uso das mídias e tecnologias, influenciando o cotidiano em todas as suas esferas sociais e nas várias formas de se comunicar. Observadas essas mudanças, percebe-se o surgimento de novas formas de comunicação em ambiente escolar, e novos meios de ensinar gêneros textuais.

Destaca-se então, a relevância do ensino dos gêneros textuais em sala de aula. Especialmente do gênero Conto de Fada, seja no Ensino Infantil ou no Ensino

Fundamental como é o caso deste trabalho. O Conto de Fadas é um dos primeiros gêneros textuais que a criança tem contato durante a infância, por essa razão, os mesmos exercem uma grande influência no olhar que a criança constrói sobre o mundo ao seu redor.

Por meio de uma pesquisa de cunho bibliográfico sobre gêneros textuais e sobre Contos de Fadas, procurou-se de acordo com as reflexões de Duarte (2015), entender como o gênero Conto de Fadas se desenvolveu e caracterizou ao longo das épocas, até chegar em sua forma mais recente – os contos de fadas contemporâneos, geralmente versões adaptadas dos contos de fadas tradicionais e que dialogam com os valores e práticas sociais da época vigente.

Seguindo a perspectiva da Pedagogia do Multiletramento, que de acordo com Cope e Kalantzis (2000), as práticas educacionais devem abranger a diversidade cultural e a diversidade de códigos, canais e linguagens – buscou-se propor uma sequência didática cujo produto final reflita os diversos olhares dos alunos para o conto de fadas e para o mundo, além de proporcionar o letramento digital por meio do uso de ferramentas online.

A plataforma escolhida para trabalhar o gênero discursivo Conto de Fadas foi o aplicativo *TikTok*. De acordo com o Centro Sebrae de Referência em Educação Empreendedora (SEBRAE, 2019) - O *TikTok* é uma startup chinesa criada em 2016, está entre as cinco maiores redes sociais do mundo e pode ser uma rica ferramenta em sala de aula, especialmente na criação e compartilhamento de conteúdos educacionais.

O aplicativo possibilita a criação e compartilhamento de diversos conteúdos, de forma rápida, criativa e viral. Diante da era digital que vivemos e o contato constante que as crianças e adolescente possuem com a tecnologia, e necessário inclui-la como uma ferramenta educacional, proporcionando o letramento por meio de multimodalidades e desenvolvendo a autonomia e protagonismo do aluno.

2. O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?

A educomunicação parte do princípio de que Comunicação e Educação caminham lado a lado. No contexto das novas gerações, onde o acesso à tecnologia é amplamente promovido, os indivíduos estão integrados ao uso de ferramentas

mediáticas em diversos meios sociais. A escola como esfera de prática social, não está fora dessa realidade. De acordo com Soares (2011),

A educação só é possível enquanto “ação comunicativa”, uma vez que a comunicação se configura por si mesma, como um fenômeno presente em todos os modos de formação do ser humano, qualificando-o (...) toda comunicação - enquanto produção simbólica e intercâmbio/transmissão de sentidos - é, em si uma “ação educativa. No caso, diferentes modelos de comunicação, determinaram resultados educativos distintos. (SOARES, 2011, p.17).

Portanto, conclui-se que toda prática educativa, é por si só uma prática comunicativa. A educomunicação proporcionou uma ponte que integra dois saberes já relacionados, no entanto nem sempre usados em conjunto para uma prática pedagógica eficiente. É necessário que todos agentes envolvidos nesse processo (professor, aluno, escola e comunidade) tenham acesso aos recursos e produções. Todo conhecimento só é concretizado, quando promovido e compartilhado, portanto o saber não pode ficar consolidado dentro das paredes da escola, o mesmo deve ir de encontro às necessidades da comunidade. De acordo com Soares (2011),

Somam-se a isso importantes questionamentos em torno da qualidade do ensino e das chances de a escola constituir um espaço significativo para a juventude. Torna-se, na verdade, cada vez mais evidente que os jovens estão em busca de novas propostas para a sua formação, e que para apostarem no estudo, desejam uma escola que responda a esses anseios e ofereçam novos elementos ante suas realidades e vivências. (SOARES, 2011, p.24)

Esse processo promove o interesse e estímulo nos alunos, que estarão em contato direto com a sua realidade, sentindo-se autônomo ao produzir e colocar em práticas comunicativas e todo conhecimento adquirido. Segundo Soares (2011), esse processo pode ser denominado educomunicação:

Como consequência defenderemos a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa, cuja especificidade é o aumento imediato do grau de motivação por parte dos estudantes, e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização multidisciplinar denominamos educomunicação. (SOARES, 2011, p.17)

Em um contexto de sala de aula no ensino público, em que por diversos fatores, a falta de interesse e constante indisciplina por parte dos alunos são comumente relatados por professores, a inserção da prática educ comunicativa se apresenta como um viés para a solução dessa problemática e transformação do ensino. A prática educ comunicativa tem o caráter de trazer essa integração interdisciplinar e midiática para a sala de aula. Segundo Oliveira (2014):

Trabalhar de maneira interdisciplinar implica compromisso com uma nova visão de processo efetivo de aprendizagem que supere o modelo da simples memorização de conteúdos escolares, e no caso de conteúdos (...) que se apresenta cada vez mais insuficiente para o enfrentamento da realidade contemporânea. (OLIVEIRA, 2014, p.73)

Interessante observar a necessidade de uma proposta de interação com a comunidade escolar, proporcionando que o conhecimento e a produção dos alunos ultrapassem as paredes da sala de aula.

Os jovens apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura, através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade local. Eles se abrem para a compreensão crítica da realidade social e ampliam seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação para a vida em sociedade. Tudo isso porque a participação os levou a maior interesse pela comunidade local, inspirando ações coletivas de caráter educ comunicativo. (SOARES, 2011, p.31)

Sendo assim, o conhecimento produzido passa a ser compartilhado e passa a ganhar novos sentidos. Portanto, o professor educ comunicativo tem como principal intenção proporcionar ao aluno uma formação integral, que desenvolva nos alunos a aptidão necessária para integrar a sociedade de forma participativa e ativa.

A PEDAGOGIA DO MULTILETRAMENTO

As constantes mudanças que ocorrem na sociedade e nos seus indivíduos reforçam a importância de flexibilizar o ensino de acordo com a prática social dos alunos. As necessidades de aprendizagem, os valores, o mercado de trabalho não são mais os mesmos. Sendo assim, não faz mais sentido ensinar utilizando os mesmos métodos e ferramentas das décadas passadas. É necessário adaptar-se às novas

formas de interação e comunicação, situando-se dentro dos diferentes contextos sociais, linguísticos e culturais vigentes.

É dentro desse cenário que sugue a chamada Pedagogia dos Multiletramentos, o termo originou-se dentro do grupo acadêmico *New London Group*, por meio dos autores Copes e Kalantzis (2000), os mesmos sugeriram uma pedagogia que destaque a multimodalidade de canais de comunicação e interação, abrangendo a heterogeneidade dos contextos sociais. Trata-se de uma pedagogia inclusiva, visto que as singularidades das línguas, culturas e sociedades são trabalhadas de forma conjunta e simultâneas. Essa questão foi abordada por Copes e Kalantzis (2000),

O que é uma educação apropriada para mulheres, para indígenas, para imigrantes em geral? O que é apropriado para todos os contextos de fatores de diversidade local e conectividade global cada vez mais críticos? (COPEs E KALANTIZIS, 2000, p.10)

Ainda de acordo com os autores supracitados, a pedagogia de multiletramentos tem enfoques principais: a multiplicidade de culturas e a multiplicidade de linguagens e mídias. Dentro do contexto da escola contemporânea, as mídias digitais ocupam um espaço de relevância e de manifestação crítica e social dos alunos. Sendo assim, a escola não pode manter-se a parte desses espaços, devendo ocupá-los e inseri-los dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Para Copes e Kalantzis (2000), a pedagogia dos multiletramentos está fundamentada em quatro aspectos principais e qualquer atividade realizada dentro dessa perspectiva deve estar permeada dentro desses quatro fatores:

1. *Prática Situada* – A prática situada faz referências a situações que vão de encontro à realidade e necessidade dos alunos, são situações que podem ser observadas em sua forma concreta, além da teoria. Dentro desse fator, as práticas são significativas, o que gera motivo e estímulos genuínos nos alunos. Deve-se levar em conta as características e individualidades dos alunos e ação deve partir dos interesses pessoais de cada um deles, respeitando suas identidades e aspectos socioemocionais. Uma prática situada é responsável por produzir práticas reflexivas, levando o aluno ao processo de criticidade.

2. *Instrução Explícita* – Esse fator é responsável por produzir subsídios e fundamentação teórica à prática. No entanto, não se trata da transmissão direta do conhecimento, o papel do professor nessa perspectiva é mediar as tarefas complexas, auxiliando o aluno e estimulando suas potencialidades, estabelecendo uma relação colaborativa. Por meio dessa relação, o aluno consegue ampliar a percepção e consciência do que é aprendido.

3. *Enquadramento Crítico* – Tomada a consciência do que é aprendido, agora o aluno é capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos de forma crítica e consciente. No enquadramento crítico ainda com a mediação do professor, o aluno enquadra sua prática, moldando-a de acordo com os valores vigentes dentro da prática social e das relações históricas, ideológicas e culturais.

De acordo com Cope e Kalantzis (2000), é por meio do enquadramento crítico que o aluno pode construtivamente criticar o que é aprendido e criativamente entender e o aplicar.

4. *Prática Transformadora* – A prática transformadora é uma espécie de reformulação da prática situada. Esse fator que compõe a Pedagogia dos Multiletramentos, é uma etapa onde em que os trabalho executado nos estágios anteriores podem, finalmente, ser aplicados e viabilizados.

A prática transformadora consiste no momento de culminância da prática, na qual o aluno passa a ser concebido como um indivíduo ativo, autônomo e em parte responsável pelo seu processo de ensino-aprendizagem. O aluno deixa de ser um agente passivo ou exclusivamente receptor e reproduzidor dos saberes transmitidos dentro do ambiente escolar.

GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA E O CONTO DE FADAS

O uso de gêneros textuais em sala de aula é fundamental para a formação das competências e habilidades comunicativas do aluno de forma integral. Sabe-se que a comunicação é de extrema importância para as práticas sociais. Os gêneros textuais ou gêneros discursivos abrangem as múltiplas formas que o texto (oral ou escrito) manifesta-se nas diversas situações do cotidiano. Soares (2001) enfatiza que, os

traços dos gêneros estão em constante transformação, portanto, no ato da leitura devemos nos permitir ser conduzidos abertamente pelas mudanças e não por características fixas. Mudanças essas que acompanhamos com o avanço tecnológico, e com a sociedade.

Sendo assim, os gêneros textuais dialogam com o contexto social do aluno, proporcionando sentido e significado a construção do seu conhecimento. Segundo Koch,

Assim o contato permanente com os gêneros com que se defrontam na vida cotidiana, entre os quais se incluem anúncios, avisos de toda ordem, artigos e reportagens de jornais, catálogos, receitas médicas, bulas, petições, prospectos, guias turísticos, manuais de instrução etc., leva os usuários a desenvolver uma competência metagenérica, que lhes possibilita interagir de forma conveniente em cada uma dessas práticas. (KOCH, 2009, p.160)

Segundo Bakhtin (2010), cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. Sabemos que a comunicação é fundamental para a vivência enquanto indivíduos sociais que somos. Quando se fala em Gêneros Textuais ou Gêneros Discursivos, trata-se das múltiplas formas e padrões em que os textos e a própria língua se apresentam, variando de acordo com o ambiente, situação, cultura ou contexto social em que a comunicação se apresenta, seja a mesma oral ou escrita. São incalculáveis os exemplos de gêneros textuais presentes no cotidiano: bilhete, carta, reportagem, receita, bula, conto, romance, resenha, entre outros.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2010, p. 262)

Os gêneros discursivos permitem que os alunos interagem de forma integral e conveniente ao ambiente no quais estão inseridos, tornando-se indivíduos críticos. Segundo Rossi (2002), o conhecimento e o domínio de um gênero não implicam o conhecimento de todos. Os gêneros textuais são múltiplos e heterogêneos, podendo abranger discursos mais corriqueiros do cotidiano às situações comunicativas mais formais e complexas.

A diversidade dos gêneros e do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2010, p. 262)

Os gêneros dos discursos possuem especificidades e características próprias. Um bate-papo entre amigos não pode ser analisado seguindo os mesmos parâmetros de uma reunião profissional formal. Para fazer essa distinção, Bakhtin (2010) classifica os Gêneros textuais em: gêneros primários e gêneros secundários.

Aqui é de especial importância atentar para a natureza atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. (BAKHIN, 2010, p.263)

Portanto os gêneros primários caracterizam-se pela simplicidade, enquanto os gêneros secundários por sua complexidade. No entanto, vale ressaltar que não é possível fazer essa distinção baseada na oralidade e na escrita. Pode-se acreditar que gêneros escritos tendem a ser mais complexos, e orais mais simples. No entanto, um seminário, mesmo que na forma oral, é considerado secundário por sua formalidade e caráter complexo. Enquanto um bilhete, ainda que na forma escrita, é considerado primário pelo baixo grau de complexidade.

O uso de gêneros textuais em sala de aula é de fundamental importância para a formação integral do aluno, visto que a noção de gênero está intrinsicamente ligada às práticas sociais. Portanto aprender diversos gêneros na escola proporciona aos alunos múltiplos saberes socioculturais. Segundo Koch,

Assim o contato permanente com os gêneros com que se defrontam na vida cotidiana, entre os quais se incluem anúncios, avisos de toda ordem, artigos e reportagens de jornais, catálogos, receitas médicas, bulas, petições, prospectos, guias turísticos, manuais de instrução etc., leva os usuários a desenvolver uma competência *metagenérica*, que lhes possibilita interagir de forma conveniente em cada uma dessas práticas. (KOCH, 2009, p.160)

Portanto o uso dos gêneros faz com que o indivíduo interaja de forma conveniente às diversas práticas e ambientes sociais em que está inserido. É importante destacar a diferença entre os gêneros textuais e os tipos textuais. De forma geral, os gêneros se caracterizam pela sua flexibilidade, enquanto os tipos textuais apresentam uma característica rigidez – tendo em vista sua estruturação que

apresenta uma sequência linguística lógica, com propriedades fixas que as distinguem entre si.

De acordo com Marchusi (2008), os estudos linguísticos reconhecem os seguintes tipos textuais: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição. A compreensão dos tipos textuais é fundamental para interpretar textos com eficácia, pois os efeitos de sentido estão estritamente relacionados com a forma na qual os textos se estruturam. A tipologia textual possui um caráter macro em comparação aos gêneros textuais. Por exemplo, dentro da tipologia narrativa encontram-se diversos gêneros, tais como: fábula, conto, crônica, diário, romance e etc. Todos esses gêneros irão possuir em comum a característica narrativa, no entanto os mesmos irão se estruturar de maneiras diferentes. No quadro comparativo a seguir, Marchusi (2008), elenca as diferenças entre tipos e gêneros textuais.

Quadro 1 – Principais diferenças entre tipos e gêneros textuais.

Tipos textuais	Gêneros textuais
Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.	Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sociocomunicativas.
Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos.	Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.
Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas e tempo verbal.	Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.

Designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversaço espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.
------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Marchusi (2018).

Dentre os diversos gêneros dentro da tipologia narrativa, o gênero discursivo conto de fadas há séculos produz encantamento a diversos tipos de públicos e contextos, estimulando a imaginação por meio do místico e da fantasia. Segundo Duarte (2015) o conto de fadas tinha como finalidade transmitir valores morais. Dentro desse contexto, encontram-se os trabalhos escritos pelos Irmãos Grimm e Andersen – responsáveis pela disseminação do gênero ao público infantil, em meados do século XVIII.

No entanto, é uma tarefa muito subjetiva estimar a origem e finalidade do conto de fada, tendo em vista que o gênero se transformou com o passar das épocas, adaptando-se às finalidades de cada sociedade. De acordo com Duarte (2015), os contos possuem uma gênese que varia da antiguidade à pós-modernidade: Os contos de fada originaram-se ainda na antiguidade por meio de poemas orais primitivos do povo celta – nesse contexto os contos tinham como objetivo explorar anseios espirituais, mesclando lendas, elementos religiosos e a realidade do povo celta.

Os contos de fada também já foram usados como elementos de entretenimento para adultos, especialmente durante a Idade Média, por meio de romance e narrativas maravilhosas e também por meio de contos orais de camponeses medievais.

Já na Idade Moderna, surgem os contos de fadas tradicionais, os quais se refletiam valores éticos e morais de caráter cristão. Nesse tipo de conto há a

prevalência de enredos sobrenaturais, baseadas em questões existenciais. Ainda na Idade Moderna, manifestam-se os contos de fadas modernos – nestes, o objetivo era difundir a filosofia cristã, de que se deve enfrentar obstáculos na vida terrena com a finalidade de se alcançar a vida eterna. Nos contos de fada modernos também é possível identificar um tom de denúncia sobre os males da sociedade.

Enquanto no período Pós-moderno é possível identificar os contos de fada contemporâneos. Nessa nova modalidade do gênero, de acordo com Duarte (2015), a finalidade é questionar crenças, costumes e valores presentes nos contos de fadas tradicionais e que se chocam com a sociedade atual.

METODOLOGIA

A primeira etapa da metodologia teve como base a pesquisa de cunho bibliográfico, onde verificou-se a importância dos estudos referentes aos gêneros discursivos para a efetivação de uma prática pedagógica relevante, tendo em vista o contexto e práticas sociais as quais os alunos estão inseridos. Paralelamente, analisou-se como a Educomunicação pode trazer protagonismo aos alunos, tornandoos construtores do conhecimento e propiciando autonomia aos mesmos.

A segunda etapa da metodologia foi a elaboração de uma sequência didática, tendo como base a pedagogia dos multiletramentos. Como levantado em pesquisa bibliográfica, a pedagogia dos multiletramentos gira em torno de dois eixos: diversidade de mídias e diversidades culturais.

A sequência didática é apresentada por Scheneuwly e Dolz (2004, p.82) como um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. O ensino com sequências didáticas permite ao aluno o conhecimento mais profundo de gêneros do discurso, permitindo o reconhecimento e ampliação de suas práticas de linguagem.

Segundo o esquema proposto por Scheneuwly e Dolz (2004, p.83), a sequência didática se apresenta da seguinte maneira:

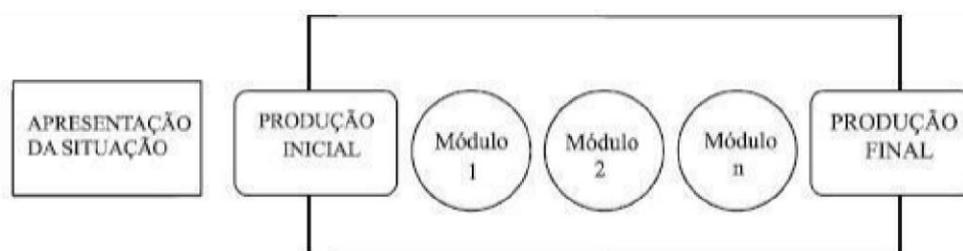


Figura 1 – Esquema da Sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p.98)

Apresentação da Situação

Nesta etapa o professor irá descrever detalhadamente a atividade desenvolvida, ou seja, propor uma conversa inicial com os alunos explicando e exemplificando o gênero Conto de Fadas por meio de imagens e vídeos. Após esse primeiro contato, o professor dará início a uma conversa sobre os elementos característicos de um conto de fadas, por exemplo: personagens, ambientação, elementos mágicos e fantásticos, etc. Os alunos são desafiados a falar o título de um conto de fada conhecido pela a maioria.

A escolha dos contos utilizados durante a sequência fica à disposição do professor, que deverá escolhê-lo segundo as características e interesses da turma. Ainda nesta etapa, os alunos devem tomar consciência da importância e da transformação do gênero ao decorrer do tempo, é importante que o professor tente contextualizar as histórias com sua respectiva moral e como isso se aplica na sociedade, tornando a aprendizagem significativa.

Produção Inicial

A produção inicial é o momento caracterizado pela leitura compartilhada dos primeiros contos. Além disso, é um importante momento para o aluno explorar ilustrações, personagens, capítulos e capa do livro. Essa etapa é fundamental e caracteriza-se como uma importante estratégia de leitura e letramento visual, estimulando o senso crítico, é um momento no qual o professor pode identificar o conhecimento prévio e singularidades das interpretações feitas por seus alunos.

Módulos I

Este módulo tem como objetivo identificar como ocorre a passagem do tempo nos contos de fada, reconhecendo expressões que funcionam como marcadores de tempo, tais como: antigamente, há muito tempo, depois, era uma vez, antes, etc. Para isso, os alunos irão trabalhar de forma colaborativa realizando a leitura de um conto em duplas. Após a leitura os alunos deverão identificar quais palavras ou expressões indicam passagem do tempo. O objetivo é que os alunos consigam entender como os marcadores de tempo auxiliam a organizar a sequência dos fatos na narrativa para que haja uma efetiva compreensão da história.

Módulo II

No módulo II, os alunos terão contato com diferentes versões de contos de fadas tradicionais. É um momento onde os alunos poderão realizar muitas inferências e relacionar os contos já conhecidos com textos contemporâneos e suas semelhanças com a realidade. A atividade proposta nesse módulo é que os alunos escolham um conto de fadas tradicional e crie a sua própria versão, propondo diferentes finais. Os alunos irão compartilhar suas versões com a turma por meio de contos orais. Trata-se de um momento de desenvolvimento da criatividade e autonomia dos alunos. Após o momento de contação de histórias, os alunos irão refletir com a mediação do professor, as particularidades de uma produção oral nas narrativas do gênero discursivo conto de fadas.

Módulo III

No terceiro módulo, as crianças terão uma aula usando seus celulares e tablets. Com o auxílio e mediação da professora e do monitor de informática, previamente autorizado pelos pais, os alunos irão explorar a plataforma online *TikTok* – trata-se de uma ferramenta para a produção e compartilhamento de vídeos curtos, de até 60 segundos. A plataforma oferece amplos recursos de edição, sendo possível incluir trilhas sonoras, imagens, legendas e etc. Nesta aula, os alunos terão que pesquisar vídeos sobre histórias infantis -o objetivo é desenvolver o letramento digital dos alunos, além dos mesmos compreenderem como histórias podem ser contadas por meio do *TikTok*.

Produção Final

A produção final corresponde a um grande momento de protagonismo dos alunos e de culminância da sequência didática. A proposta nesse momento é recontar a versão do conto de fadas produzida durante o módulo II por meio da encenação do conto em pequenos vídeos na plataforma *TikTok*. A produção dos vídeos ocorrerá de forma interdisciplinar – durante as aulas de linguagens, arte e informática, de modo que os alunos recebam toda mediação necessária, possibilitando integrar todos conhecimentos linguísticos, artísticos e tecnológicos. Após a finalização da produção,

os vídeos serão compartilhados com toda comunidade escolar na página da escola em redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente sequência didática se mostrou como uma iniciativa e intervenção eficaz na promoção da autonomia e autoestima dos alunos. Os discentes sentem-se capazes e construtores ao pensarem, produzirem e divulgarem seus respectivos vídeos. A proposta desse trabalho reflete o anseio dos alunos em tornarem-se indivíduos ativos nos meios que os cercam. O que falta muitas vezes são os recursos e mediações necessárias para a efetividade dessas ações. As práticas educacionais surgem para preencher essa lacuna e tornar os alunos cada vez mais protagonistas no processo de ensino aprendizagem. É possível afirmar que este trabalho se encontra sob a perspectiva das práticas educacionais, pois abrange todas as características que denominam a parceria entre Comunicação e Educação. Ou seja, há um processo de colaboração entre todos os agentes do processo educativo: alunos, professores, gestão escolar e comunidade.

O projeto também ocorre de forma democrática, dando voz a todos os alunos para que possam manifestar suas ideias e opiniões, criando uma atmosfera de cooperação e igualdade. Além disso, o projeto também é caracterizado pelo uso das mídias tecnológicas, fornecendo aos alunos recursos midiáticos como equipamentos, plataformas sociais e softwares de edição.

Outra característica pertinente às práticas educacionais é a criatividade. Nesse trabalho os alunos podem criar os próprios contos e vídeos, estimulando imaginação, criatividade e conhecimento de mundo.

O uso do gênero textual conto de fadas permite que os alunos ampliem suas produções textuais à contextos não conhecidos, proporcionando um maior contato com outras esferas sociais. A dramatização durante a gravação dos vídeos promove o desenvolvimento da criatividade e inibição dos alunos, facilitando o processo de aprendizagem em diversos momentos, já que os alunos se encontram mais abertos à novas experiências.

Por se tratar de uma atividade colaborativa todos os alunos exercem a cooperação entre si. Seja no compartilhamento de ideias ou na delegação de

atividades, desenvolvendo valores como liderança, respeito e trabalho em equipe. O caráter interdisciplinar, relacionando linguagem, arte e tecnologia, permite aos alunos o contato com outras áreas do conhecimento, estimulando-os e contextualizando o saber às suas práticas sociais.

Além disso, todas as etapas da sequência didática aqui apresentada, dialogam com os princípios da Pedagogia dos Multiletramentos (Copes e Kalantzis, 2000): A apresentação inicial da sequência didática, enquadra-se como uma *Prática Situada*, visto que há uma contextualização com a realidade. Enquanto o módulo I, por exemplo, está inserido dentro da *Instrução Explícita* por fornecer subsídios teóricos à prática discente. O aspecto do *Enquadramento Crítico* foi desenvolvido no módulo II por proporcionar o desenvolvimento do senso crítico e da reflexão. Enquanto o último aspecto, *Prática Transformadora*, é desenvolvido ao longo da produção final – um momento o qual os alunos podem exercer de forma ativa a criatividade, protagonismo e autonomia.

Conclui-se que o Multiletramento e a Educomunicação, acompanhado de suas características inclusiva, democrática, midiática e criativa é fundamental para a transformação de um sistema de educação, muitas vezes ultrapassado, que impede o aluno de desenvolver suas competências e potencialidades, possibilitando que o aluno se posicione na sociedade como um indivíduo ativo, autônomo e protagonista dentro do processo de ensino e aprendizagem e nas suas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (1979). **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

COPE, B. KALANTZIS, M. **Multiliteracies**: Literacy Learning and the Design of Social Futures. Routledge: London, 2000.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DUARTE, P. C. O. **Era uma vez um estágio de língua portuguesa**: diálogos sobre formação docente inicial, o gênero discursivo conto de fadas e suas contrapalavras contemporâneas. 2015. 513 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

KOCH, Ingedore G.Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas.**São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed, 2009.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORAN, J, M. MASSETTO, M. BEHRENS, M.A. **Novas tecnologias e mediação Pedagógica.** Campinas: Papirus, 2006.

OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda; MOURA, Jefferson José Ribeiro. **Educomunicação: múltiplas formas de aprendizagem.** Lorena: Editora Santa Teresa, 2014.

SEBRAE. **Dá para usar o tiktok na educação? Entenda as características do app e como usá-lo na educação.** Disponível em: <https://cer.sebrae.com.br/blog/da-parausar-o-tiktok-na-educacao-entenda-as-caracteristicas-do-app-e-como-usa-lo-naeducacao/>. Acesso em: 15 de nov. 2020

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários.** São Paulo: Editora Ática, 2001.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo: Paulinas, 2ª ed, 2011.